

EM FOCO

A UTILIZAÇÃO DO TECIDO ACROBÁTICO COMO CONTEÚDO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UM ESTUDO COM UMA NONA SÉRIE DO ENSINO FUNDAMENTAL

THE USE OF ACROBATIC TISSUE AS CONTENT IN SCHOOL PHYSICAL EDUCATION CLASSES: A STUDY IN A NINTH GRADE CLASS

EL USO DE LA TELA ACROBÁTICA COMO CONTENIDO EN LAS CLASES DE EDUCACIÓN FÍSICA ESCOLAR: UN ESTUDIO CON UNA NOVENA DE EDUCACIÓN FUNDAMENTAL

ROGÉRIO ZAIM-DE-MELO
DEYVID TENNER DE SOUZA RIZZO
LUIS BRUNO DE GODOY
LAURIANNE SORRRILHA DO AMARAL

ZAIM-DE-MELO, Rogério; RIZZO, Deyvid Tenner de Souza; GODOY, Luis Bruno de; AMARAL, Laurianne Sorrrilha do.
A utilização do tecido acrobático como conteúdo nas aulas de educação física escolar: um estudo com uma nona série do ensino fundamental. Repertório, Salvador, ano 23, n. 35, p. **63-86**, 2020.2

RESUMO

O presente estudo tem o objetivo de relatar a experiência de utilizar o tecido acrobático como conteúdo para alunos do 9º ano de ensino fundamental em uma escola da rede pública de ensino de Corumbá-MS. Para tanto, aplicou-se um programa nas aulas de Educação Física, composto por oito aulas de 50 minutos, aplicado em alunos entre 15 e 18 anos de idade. Como instrumentos de pesquisa foram utilizados: diário de campo para registrar as dificuldades e os êxitos dos alunos, além de um questionário administrado no final do programa. Os dados foram analisados com base na análise de conteúdo. Os resultados indicaram que houve um estranhamento no começo, principalmente pela insegurança, mas que é possível a aplicação do tecido acrobático como conteúdo nas aulas de Educação Física escolar.

PALAVRAS-CHAVE:

Tecido acrobático.
Atividades circenses.
Educação física. Escola.
Circo.

ABSTRACT

This study aims to report the experience of using acrobatic tissue as content for 9th grade students in a public school in Corumbá-MS. Therefore, a program was applied within Physical Education classes, consisting of eight 50-minute classes, applied to students between 15 and 18 years of age. The research instruments were field diary to record student's difficulties and successes, as well as a questionnaire applied at the end of the program. Data were analyzed based on content analysis. The results indicated that there was a strangeness in the beginning, mainly due to insecurity, but it is possible to apply the acrobatic fabric as content in school Physical Education classes.

KEYWORDS:

Acrobatic tissue. Circus activities. Physical education. School. Circus.

RESUMEN

Este estudio tiene el objetivo hacer un relato de la experiencia del uso de la tela acrobática como contenido para estudiantes del noveno grado de una escuela pública en Corumbá-MS. Con este fin, se aplicó un programa dentro de las clases de Educación Física, que consta de ocho clases de 50 minutos, aplicadas a estudiantes entre 15 y 18 años de edad. Como instrumentos de investigación se utilizaron: diario de campo para registrar las dificultades y éxitos de los estudiantes, también un cuestionario aplicado al final del programa. Los datos fueron analizados en base al análisis de contenido. Los resultados indicaron que había una extrañeza al principio, principalmente debido a la inseguridad, pero que es posible aplicar la tela acrobática en las clases de educación física como contenido de la escuela.

PALABRAS CLAVE:

Tela acrobática. Actividades circenses, Educación física. Circo. Escuela.



INTRODUÇÃO

A ARTE CIRCENSE em suas diversas linguagens torna possível que aquilo que hora se encontrava estático passe a ganhar movimento, seja esse: um objeto inanimado – os malabares e demais aparelhos circenses, ou, os corpos fragmentados em gestos contínuos e mecânicos. Esses movimentos por sua vez potencializam atos criativos e reflexivos da ação, colocam corpos e pensamentos em movimentos múltiplos e contínuos.

Na arte circense existem possibilidades diversas, que vão desde aspectos relacionados a saúde e o bem-estar, o lazer, a economia, o entretenimento, e por fim, o que nos importa nesse trabalho: seu uso pedagógico e educativo. Por se tratar de uma atividade democrática em suas diversas manifestações, a arte do circo pode estar presente em diversos espaço de atuação. Além de também, poder ser praticado por indivíduos diversos, sejam esses, crianças, adultos ou idosos, diante tanto de suas capacidades como limitações. É justamente esse espaço de aprendizado democrático o que nos leva a pensar o circo e seu potencial para a educação física escolar, assim também a viabilidade de sua implementação nas devidas aulas.

Com as atividades circenses, os alunos se colocam a explorar habilidades muitas vezes não trabalhadas em outras modalidades, permitindo um aprendizado não engessado, que vai desde: o equilíbrio, visão periférica, tomada de decisão,

pensamento rápido, criatividade, entre tantos outros que poderiam ser listados aqui. Por sua vez, esses aprendizados geram um tensionamento na relação concebida entre corpo e espaço, e coloca o praticante a explorar movimentos além dos habituais, seja por meio da acrobacia, malabarismo, equilíbrio ou expressões cênicas.

Outro ponto, não menos importante, está no convívio social, esse é parte fundamental para a atividade circense. Essa relação criada durante a prática de uma determinada atividade circense, possibilita não só uma troca na ação, mas também abre espaço para que se desenvolvam relações recíprocas entre eu e outro; um exemplo disso está na segurança do companheiro, nos movimentos circenses devo pensar na segurança e no bem-estar dele, para que assim também me mantenha seguro. Essas trocas geram não só uma responsabilidade e preocupação com o outro, mas também possibilitam relações afetivas e de cumplicidade que muitas vezes reverberam para além da própria arte circense. (FAVARI, 2019)

Diante dos aspectos trazidos até aqui, não é difícil pensar o circo na educação física escolar como um aliado, que fortalece não só as atividades de proporcionem um bem-estar físico, mas também aspectos sociais implícitos na atividade. Não é de se estranhar que em diversos países a arte circense esteja presente nas aulas de educação física escolar.

Segundo Bortoleto e Machado (2003), o circo é um conhecimento milenar, por muito tempo enigmático, marginalizado e restrito, que foi modernizado, sendo criada uma nova concepção para o circo que possibilitou novos conhecimentos e entendimentos sobre as práticas circenses, e com isso ampliando o acesso à arte circense. Essa abertura fez com que houvesse um aumento de profissionais e estudiosos, assim como, uma mudança significativa e positiva na forma a qual concebiam a ideia de circo em suas diversas áreas de inserção, como: o teatro, a dança, e a educação, principalmente nos componentes curriculares de Arte e Educação Física.

No Brasil, a inclusão das atividades físicas circenses também começa a dar seus primeiros passos. Há notícias da existência de escolas públicas e privadas em algumas regiões (São Paulo, Bahia, Rio de Janeiro, etc.) que já incluem as atividades circenses como

conteúdo da Educação Física em diferentes níveis, graças principalmente à ação de profissionais que se sentem sensibilizados com esta questão por já terem vivido algum tipo de experiência nesta área. (BORTOLETO; MACHADO, 2003, p. 45)

Ainda de acordo com Bortoleto e Machado (2003), as atividades circenses podem ser consideradas como uma renovação para os conteúdos da Educação Física escolar, uma vez que se constituem em uma nova opção para os professores romperem a hegemonia dos esportes coletivos (basquete, futsal, handebol e vôlei) nas aulas.

Outros ponto que vem a contribuir para o avanço da arte circense na educação física escolar, está no aumento das produções científicas com foco na introdução das atividades circenses na escola (BARRAGAN; DUPRAT; BORTOLETO, 2012; CHIQUETTO; FERREIRA, 2008), assim, surgiram diversos estudos sobre a viabilidade da sua utilização, como o desenvolvido por Ayala (2008), nos quais o autor propõe e analisa a utilização de atividades circenses na Educação Física escolar, e a pesquisa de Duprat e Pérez-Gallardo (2010) sobre como tratar pedagogicamente as artes circenses no âmbito escolar.

Para Duprat e Pérez-Gallardo (2010), as modalidades circenses podem ser aplicadas nas aulas de Educação Física podendo ser classificadas em unidades didático-pedagógicas e blocos temáticos, conforme o Quadro 1 a seguir.

Quadro 1 – Classificação das modalidades circenses por unidade didático-pedagógica

Unidades didático-pedagógicas	Blocos temáticos	Modalidades circenses
Acrobacias	Aéreas	Trapézio fixo; tecido; lira; corda.
	Solo/ equilíbrio acrobático	De chão (solo); paradismo (chão e mãos-jota); poses acrobáticas em duplas; trios e grupo.
	Trampolinismo	Trampolim acrobático; mini-tramp; maca russa.

Unidades didático-pedagógicas	Blocos temáticos	Modalidades circenses
Manipulação	De objetos	Malabarismo
		Prestidigitação e pequenas mágicas.
Equilíbrios	Equilíbrio do corpo em movimento	Perna-de-pau; monociclo.
	Equilíbrio do corpo em superfícies instáveis	Arame; corda bamba; rolo americano (rola-rola).
Encenação	Expressão corporal	Elementos das artes cênicas, dança, mímica e música.
	Palhaço	Diferentes técnicas e estilos.

Fonte: adaptado de Duprat e Pérez Galhardo (2010).

Das modalidades circenses listadas no Quadro 1, o presente estudo centra-se no tecido acrobático, mais precisamente como conteúdo nas aulas de Educação Física. O tecido acrobático¹ é uma modalidade aérea circense relativamente nova. Ao contrário de outras modalidades mais antigas no universo do circo, como o malabarismo, as performances acrobáticas, o equilibrismo no arame e o trapézio, o tecido apresentou seu desenvolvimento como atração circense em meados dos anos de 1980, aprimorado pelo francês Gérard Fassoli. (BATISTA, 2003; CALÇA; BORTOLETO, 2007; SUGAWARA, 2008)

Não se sabe ao certo quem desenvolveu essa modalidade ou quando foi o início de sua prática. Há relatos de que é derivada da utilização de cordas lisas no momento da montagem da tenda do circo para os espetáculos. Nas décadas de 1920 e 1930, o tecido foi utilizado por artistas de cabaré em cenas acrobáticas em Berlim, Alemanha. (DESIDÉRIO, 2003) No Brasil, a primeira apresentação de tecido acrobático aconteceu na Universidade do Circo, no Rio de Janeiro, em 1997. (SUGAWARA, 2008)

O tecido acrobático encontra-se na unidade didático-pedagógica acrobacia, no bloco temático aéreo (Quadro 1), dentro do complexo que envolve as inúmeras atividades circenses. Esse bloco temático subdivide-se em: suspensão por partes do corpo, suspensão em aparelhos rígidos, suspensão em aparelhos rígidos

1 Também denominado tecido aéreo, tecido circense, tisu aéreo, seda aérea ou cortina aérea.

e maleáveis, suspensão em aparelhos maleáveis. E dentro da categoria de suspensão em aparelhos maleáveis existe o tecido acrobático, junto com as cordas e faixas. De acordo com a fixação do tecido, é possível classificá-lo em: tecido liso, marinho e gota. (CALÇA; BORTOLETO, 2007)

Para subir no tecido ou realizar uma figura o praticante faz uso das seguintes capacidades físicas: força, flexibilidade, equilíbrio, coordenação e agilidade; essa atividade também necessita das percepções: corporal, espacial, direcional e temporal (MARRONI, 2009), no entanto, não é de uso exclusivo para quem possui tais capacidades. Além das partes física e motora, na prática do tecido acrobático é preciso uma atenção maior com segurança, pois o corpo fica suspenso no ar, numa determinada altura, e isso requer a combinação de concentração e alerta mental (TAIT, 2006), minimizando o máximo possível o risco de acidentes.

As medidas de segurança envolvem a instalação correta do aparelho, a manutenção e a utilização de colchões no solo. Durante toda a realização da modalidade o praticante deve estar concentrado, sem dispersão, prezando pela sua integridade. Já os iniciantes devem estar sempre acompanhados de alguém mais experiente, que pratica ou estuda a modalidade. (CALÇA; BORTOLETO, 2007; SILVA, 2014)

Para Calça e Bortoleto (2007), outro ponto crucial para a vivência do tecido acrobático é a conscientização do professor e do participante sobre a responsabilidade durante a prática. Assim como as demais atividades circenses, o tecido é uma modalidade democrática, não sendo exclusivo para as pessoas com flexibilidade, força e amplitude física. Como toda atividade, pode haver adaptação para diferentes limites de capacidades corporais ou mentais, como superar o medo de altura ou até mesmo a interação com o próprio corpo.

O tecido acrobático poder ser praticado em diversos espaços, não se restringindo apenas à lona do circo. (BATISTA, 2003) Há relatos na literatura da utilização do tecido em academias (SOARES; BORTOLETO, 2011) em espetáculos teatrais e de danças (AMADO, 2018), em escolas (SILVA, 2014) e universidades, com diferentes objetivos.

Entre as modalidades aéreas, o tecido acrobático é considerado a que pode ser trabalhada com mais facilidade, uma vez que o aparelho se adapta e se molda ao corpo do praticante. (CALÇA; BORTOLETO, 2007)

Essa variedade de espaços no qual o tecido acrobático está presente talvez decorra de sua praticidade e adaptação, sua prática se adequa a situações, espaços e pessoas variadas, sejam essas: crianças, adultos, terceira idade e até mesmos pessoas com mobilidade reduzida, respeitando sempre as limitações de cada um e entendendo que cada movimento dentro dessa prática, seja ele simples ou complexo, é parte importante dentro da modalidade.

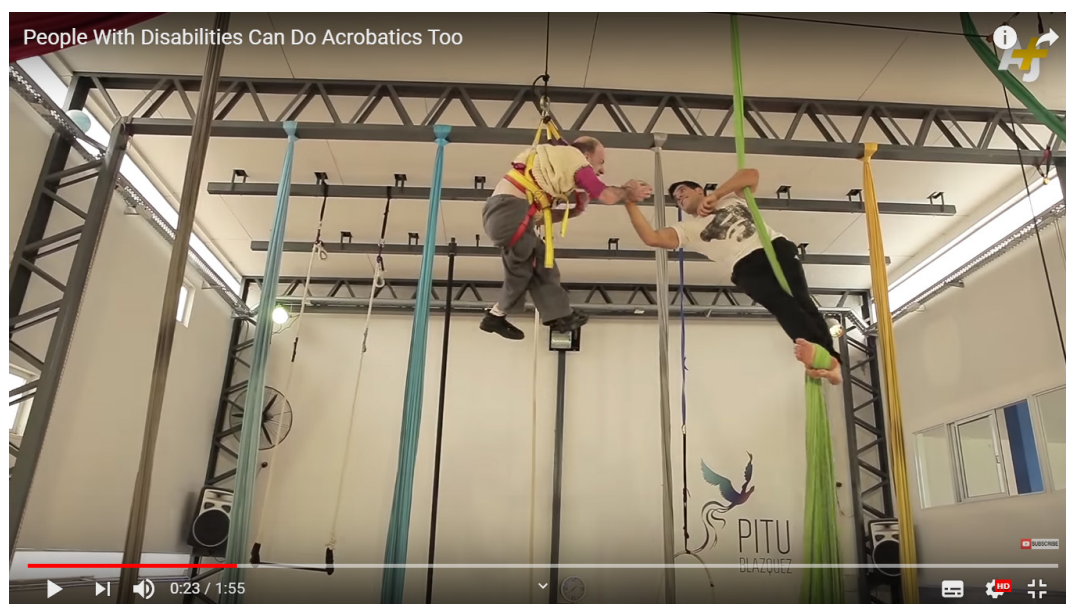


FIGURA 1: Prática de acrobacias para pessoas com mobilidade reduzida
Fonte: adaptado de People with disabilities can do acrobatics to (2016).

Posso delimitar a altura de uso do equipamento, fazer uma trança que sirva como escada para que o praticante encaixe os pés e possa subir, um nó no qual o praticante consiga sentar e o auxilie nas posições acrobáticas, entre tantas outras possibilidades presentes nessa prática.

Esta pesquisa teve o objetivo de relatar a experiência de utilizar o tecido acrobático como conteúdo para alunos do 9º ano de ensino fundamental em uma escola da rede pública de ensino, da cidade de Corumbá, em Mato Grosso do Sul. Para alcançar esse objetivo, outras metas foram traçadas, como: desenvolver atividades lúdicas com atividades circenses voltadas para o tecido acrobático; analisar a aceitação do tecido como conteúdo da Educação Física.

Um ponto importante e diferencial no trabalho está da perspectiva a qual partimos, ao invés de nos atermos ao olhar do professor para com a aula ministrada e sua concepção com relação a aceitação dos alunos, aqui nos concentramos na percepção do aluno praticante para com a atividade circense, para assim tentarmos entender um questionamento que nos provoca: quais os desafios para a implementação das atividades circenses em uma aula de educação física escolar? E também, um aspecto imprescindível: qual a percepção daqueles que serão receptores e atuantes dentro dessas aulas – os alunos?

Dado tais questionamentos, partimos então para aquilo que sustentou esse estudo e deu subsídios teórico para que ele pudesse se alicerçar em uma base sólida – a metodologia.



ASPECTOS METODOLÓGICOS: ESTRUTURA GERAL

A pesquisa aqui apresentada foi realizada a partir da construção e análise de um programa de Educação Física, composto por 9 aulas (Quadro 2), metade de um bimestre, aplicado durante o estágio supervisionado, entre os meses de outubro e novembro de 2018, em uma turma composta por alunos do 9º ano do ensino fundamental, com idade entre 15 e 18 anos. Com a participação de 22 alunos, sendo 9 meninas e 13 meninos.

Quadro 2 – O programa

Aulas	Atividades propostas
1ª	Apresentação do tema/conteúdo.
2ª	Experimentação do tecido sobre o corpo.
3ª	Subida no tecido fechado. Posição dos membros superiores e inferiores no momento da execução.

Aulas	Atividades propostas
4ª	Subida no tecido aberto. Percepção da força do corpo utilizada na execução e em relação à segurança.
5ª	Nós e travas utilizados para a subida no tecido e nas figuras.
6ª	Figuras com o tecido fechado.
7ª	Figuras com o tecido aberto.
8ª	Quedas.
9ª	Avaliação.

Fonte: elaborado pelos autores.

ESTRUTURA DAS AULAS

Cada aula é separada em uma estrutura de três partes, a fim de contribuir tanto para o aluno em seu processo de aprendizagem, como também para auxiliar o pesquisador no desenvolvimento metodológico da pesquisa:

- Roda de conversa inicial: tem o intuito de apresentar o objetivo da aula e lembrar as atividades realizadas na aula anterior;
- Atividade principal da aula: desenvolvimento da atividade acrobática sobre o tecido, fazendo uso de jogos e exercícios.
- Roda de conversa final: se aborda sobre a atividade desenvolvida na aula, as dificuldades nas atividades realizadas e demais comentários.

A aula 2: experimentação do tecido sobre o corpo, foi realizada com jogos e brincadeiras – imitar o Tarzan se pendurando em um cipó, ficar pendurado por mais tempo, rolar sobre o tecido em duplas. O papel do jogo no ensino aprendizagem, principalmente no que diz respeito a essa parte inicial da aula na qual o aluno experimenta pela primeira vez o tecido acrobático, gera um espaço de experimentação não engessado. O aluno é estimulado a desenvolver competências básicas do tecido acrobático jogando, e assim, também pode superar algumas barreiras iniciais que muitas vezes acabam impossibilitando até mesmo que eles

experimentem. O jogo flexibiliza e cria um novo ambiente para a atividade que em outro momento poderia parecer impossível de ser realizada. (BROUGERÈ, 1998; 2010, CAILLOIS, 2017; HUIZINGA, 2010)

MATERIAIS UTILIZADOS

Para a realização das aulas foram utilizados os seguintes materiais: um tecido tipo ligante com 10 metros de comprimento, 5 retalhos de 1 metro do mesmo tecido, um colchão de solteiro, e 10 colchonetes. Optou-se pelo tecido liso, fixado pelo meio, dividido em duas partes iguais. (CALÇA; BORTOLETO, 2007) A fixação foi feita diretamente em uma viga de madeira de um barracão da escola, utilizando um pedaço de borracha de câmara de pneu para a proteção contra o atrito.

ASPECTOS ÉTICOS

Para os participantes foi apresentado um Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) sobre os propósitos do estudo, todos concordaram a participar. Em um segundo momento, os alunos levaram o TCLE para que seus responsáveis aprovassem a sua participação.

MÉTODOS

O DIÁRIO DE CAMPO

Para o levantamento dos dados utilizamos um diário de campo, método desenvolvido pelo polonês Bronislaw Malinowski por volta de 1921. Para além de seu uso na antropologia, o diário também contribui para outras áreas do conhecimento, essas o utilizam de forma a contribuir de acordo com suas especificidades e contextos.

No diário é posto não somente o detalhamento daquilo que é rotineiro ou costume dentro de determinada cultura, mas também, pode-se registrar de maneira minuciosa e descritiva: ações, comportamentos, atitudes dos atores envolvidos no estudo. (MALINOWSKI, 1978)

No caso desse estudo, o diário contribuiu para que o pesquisador pudesse registrar, descrever e se ater ao seu público-alvo dentro da ação estabelecida: as aulas de tecido acrobático. Com isso, pode registrar as dificuldades apresentadas, assim como os êxitos dos alunos e suas impressões em relação às atividades propostas.

QUESTIONÁRIOS

Segundo Chizzotti (2018), os questionários são uma forma de interlocução planejada, na qual o pesquisador estrutura questões pré-elaboradas que constituem o tema do estudo. Para isso, é necessário que o pesquisador estruture as questões de maneira a qual aquele que responde possa entender com clareza e assim fornecer informações e opiniões precisas. “É uma tarefa que exige critério e planejamento para exaurir todos os aspectos dos dados que se quer obter, sem negligenciar os aspectos essenciais da pesquisa”. (CHIZZOTTI, 2018, p. 55)

Já para Gil (1999, p. 128), pode ser definido como: “[...] a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.” Diante disso, ao término do programa, aplicou-se um questionário, composto por questões abertas e fechadas com o intuito de conhecer opinião e percepção dos alunos sobre o tecido como conteúdo nas aulas de Educação Física. O questionário foi respondido por 15 alunos que estavam presentes na aula durante a sua aplicação – 9 meninos e 6 meninas.

Para interpretação dos dados obtidos por meio dos questionários, foi utilizada a análise de conteúdo, que consiste em “[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações”. (BARDIN, 2011, p. 35) Esse processo de análise foi dividido em três

etapas: 1) Pré-análise: com leitura flutuante dos dados; 2) Exploração do material: em que foram definidas as categorias; 3) Tratamento dos resultados, inferência e interpretação. (BARDIN, 2011) Sendo importante destacar que em algumas questões, a resposta de um participante foi incluída em mais de uma categoria.

IDENTIFICAÇÃO DOS PARTICIPANTES

Para mantermos a identidade dos participantes preservada faremos uso dos heterônimos identificados no quadro abaixo para os participantes no qual as falas foram utilizadas dentro desse trabalho:

Quadro 3 – Identificação dos alunos participantes

Heterônimos	
<i>Participante 1</i>	Aluna F
<i>Participante 2</i>	Aluno G
<i>Participante 3</i>	Aluno C
<i>Participante 4</i>	Aluna J
<i>Participante 5</i>	Aluno I
<i>Participante 6</i>	Aluna A

Fonte: elaborado pelos autores.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Todas as falas transcritas neste estudo foram retiradas do diário de campo, estando essas transcritas de maneira fidedigna ao dito pelos participantes.

AULAS

Como já descrito anteriormente, todas as aulas seguiram o mesmo formato estrutural, sendo composto por uma conversa inicial, final, e atividade principal:

- Roda de conversa inicial: Os alunos verbalizavam o posicionamento do corpo no tecido, medidas de segurança etc.;

“Esse aí já é demais professora”. (Aluna F, durante a explicação da subida com o tecido aberto)

“Professora, eu vi um vídeo no YouTube de uma pessoa caindo do tecido”.
(Aluno G).

Atividade principal da aula: Algumas falas no decorrer da aula apresentaram também suas percepções durante a atividade:

“Profe se ficar muito tempo começa a doer a virilha”. (Aluna G, durante a realização de uma queda com o tecido fechado)

Roda de conversa final: Nesse momento, cada participante avaliava o seu desenvolvimento:

“[...] é até fácil, pensei que seria difícil, parecia um balanço”. (Aluno C na aula com as atividades no tecido fechado)

Na 1ª aula, cujo objetivo era apresentar o tecido acrobático, foram estabelecidos os combinados de segurança, sendo expressamente proibida a utilização do tecido sem um responsável. Nas outras aulas, enquanto um aluno praticava a atividade proposta, os outros observavam e tiravam suas dúvidas:

“Professora, por que é mais difícil fazer a subida no tecido aberto?”. (Aluna F).

“Sôra, por que tem que deixar o tecido mais perto do calcanhar?”. (Aluno G)

Diante das dúvidas que surgiram, assim como já descrito no tópico “materiais utilizados”, foram utilizados retalhos de tecido de ligante de um metro de comprimento que auxiliaram os alunos em sua prática no solo, trabalhando o posicionamento dos pés tanto para subida simples como a trava dos pés para quando estiverem desenvolvendo a atividade no tecido suspenso. (Figura 2)



FIGURA 2: Trava de pé em tecido suspenso
Fonte: adaptado de Sugawara (2008, p. 40).

O ALUNO E O TECIDO

Todos os alunos participantes do estudo afirmaram que nunca haviam tido contato com o tecido acrobático, nem assistido nenhuma apresentação com uso desse equipamento. Sendo assim, foi na aula de Educação Física, mais precisamente durante este estudo, que esse primeiro contato aconteceu para esses estudantes. Especula-se que umas das razões para esse contato acontecer apenas nesse momento seja a condição geográfica do município de Corumbá, município “encravado” no meio do pantanal sul-mato-grossense, o que determina o difícil acesso a essa região, pouco oportunizando o acesso a esse bem cultural, ou seja, à arte circense. Outro motivo importante é a não inclusão das atividades circenses nas diretrizes para a educação básica do Mato Grosso do Sul (AYALA; ZAIM-DE-MELO, 2012), tampouco no município de Corumbá-MS, o que se observa nos currículos é a presença de atividades esportivas formais nas aulas de Educação Física.

ACEITAÇÃO DO TECIDO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Durante a realização do programa, uma das maiores preocupações foi o envolvimento dos alunos com as atividades propostas. Após a primeira semana foi possível perceber que um grupo de alunos do 9º ano já não pediam tanto pelo futsal, problemática vigente em aulas de educação física, nas aulas esse esporte é utilizado demasiadamente sem objetivos pautados no ensino e aprendizagem dos esportes coletivos tradicionais. (KRUG; TELLES; KRUG, 2017) As observações relatadas no diário de campo mostraram a ansiedade dos alunos em relação à nova atividade proposta, o que foi constatado em uma expressão própria da região, dita por um dos alunos:

“Sôra (professora) o que a gente vai fazê hoje?”. (Aluno A)

Os dados obtidos nos questionários demonstram a aceitação e corroboram com os resultados encontrados por Silva (2014) ao investigar os limites e as possibilidades do ensino do tecido circense no espaço escolar a partir da visão de cinco profissionais de Educação Física que trabalham com este conteúdo nas aulas, afirmaram que nas suas escolas existe uma grande receptividade dos alunos pelo Tecido Acrobático na escola.

Quadro 3 – Novos conteúdos

Você gostaria de ter sempre atividades circenses nas aulas?	Sim	Não
Inserção de modalidades circenses como conteúdo na Educação Física.	14	1
Continuidade na prática do tecido.	14	1

Fonte: elaborado pelos autores.

Através das modalidades circenses é possível que os alunos descubram outras potencialidades do seu corpo para além dos gestos mecânicos no qual estão condicionados, como, também, criar um reavivamento da criatividade, tão distante nos dias de hoje. O circo explora esse corpo, o lado criativo presente nele, por meio de coreografias, encenações, manuseio de materiais, relações entre

eu – outro, além de tantas outras formas possíveis. Para Godoy (2019), é devido a esse movimento constante da arte que surgem novas possibilidades de criação.

Esses aspectos levam o aluno não só a uma outra concepção do corpo, mas também os levam a ver a educação física para além das representações criadas e hegemônicas dentro da área, abrindo espaço para novas modalidades:

“Professora será que a gente não podia ter mais de uma aula de tecido por semana? Eu estou gostando bastante”. (Aluna J, no término da sexta aula – Diário de Campo, 2018)²

Especula-se que os participantes deste estudo concordam com Duprat e Pérez Gallardo (2010) no que concerne a atividade circense ser uma prática inovadora nas suas aulas, quer seja continuando na prática do tecido acrobático ou tendo como conteúdo outras modalidades circenses.

Durante a execução do programa, observou-se a curiosidade dos alunos em relação ao tecido. Nas primeiras aulas, alguns não se sentiam seguros, com medo ou vergonha de participar.

“Tá doido? Esse negócio é difícil!”. (Aluno I, na primeira aula)

“Não tem perigo de cair professora?”. (Aluno A, na primeira aula)

“Todo mundo tá olhando professora!”. (Aluno G, na primeira aula)

No decorrer das aulas, pode-se observar também o aumento do interesse desses alunos que, uma aula após a outra, superaram suas dificuldades, os empecilhos da própria atividade –ficar de ponta cabeça, preso em um pé só, por exemplo –, do material e de sua condição corporal propriamente dita, assim como os seus medos e inseguranças.

Ao serem questionados sobre as sensações despertadas em relação ao tecido, as respostas indicaram que os alunos se sentiram desafiados, com medo e inseguros.

2 Nessa escola, o 9º ano tem duas aulas de Educação Física por semana, mas por exigência do professor, uma das aulas é feita em sala de aula, sendo chamada pelos alunos de aula teórica.

Quadro 4 – Sensações despertadas

Quais sensações despertadas pelo tecido?	
Desafiado(a)	10
Com medo	6
Inseguro(a)	1

Fonte: elaborado pelos autores.

Os participantes da pesquisa se sentiram desafiados e com medo ao mesmo tempo. O medo e a insegurança são sentimentos despertados numa modalidade circense aérea uma vez que toda a ação é realizada sem o contado com o solo, e a queda é uma possibilidade. (MARRONI, 2009)

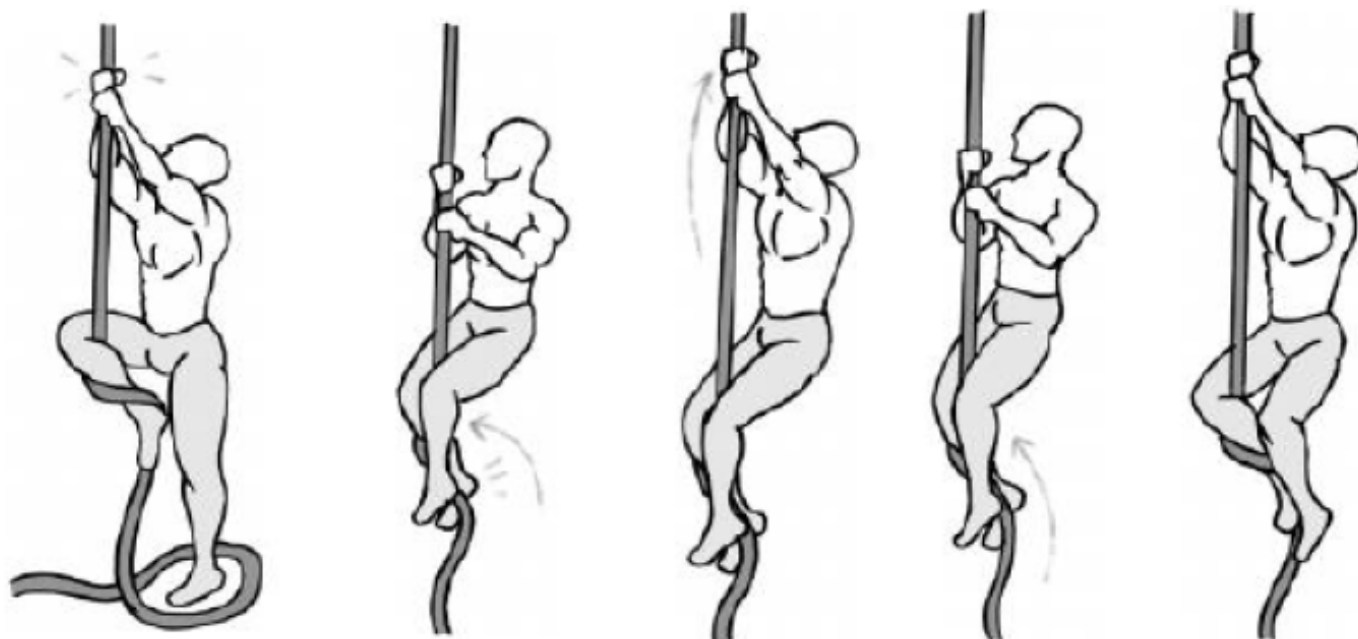
A percepção do aparelho sobre o corpo foi algo diferente para os alunos, por ser uma prática desconhecida por eles. No início, a confiança na execução das atividades era limitada, mas foi paulatinamente aumentando. Todos os alunos participantes encontraram dificuldades no início do programa, com alguma atividade do processo.

Quadro 5 – Dificuldades na atividade

Em quais atividades você teve mais dificuldade?	
Subida no tecido aberto	11
Quedas	4

Fonte: elaborado pelos autores.

A subida no tecido aberto (Figura 3) é um exercício que exige do praticante um bom condicionamento físico, solicitando do praticante as capacidades físicas de força, flexibilidade, equilíbrio, coordenação e agilidade, além do domínio da técnica de subir. A mais fácil de ser aprendida é a trava simples. Em um movimento que se assemelha aos movimentos de uma minhoca andando, deve-se repetir a seguinte sequência: elevar joelhos, travar dos pés, pôr força no braço para sustentar o corpo, estender as pernas. (CALÇA; BORTOLETO, 2007)



No início, os praticantes não compreendem a transição de força entre membros superiores e inferiores, eles não sabem como distribuir a força em todo o corpo, concentrando-a apenas nos braços, gerando bastante dificuldade. Isso foi um dado confirmado na observação durante a sétima aula.

FIGURA 3: Subida simples
Fonte: adaptado de Sugawara (2008, p. 31).

Foram observadas as superações dos participantes, o que foi crucial para que eles pudessem vivenciar a prática de forma mais prazerosa e espontânea, sem a cobrança de ser obrigatória para todos. Observou-se também o aumento do envolvimento dos alunos no decorrer das etapas do programa. Nas últimas aulas, muitos alunos pediam que fossem repetidas atividades realizadas nas aulas anteriores, percebia-se a empolgação e o olhar de “eu consigo fazer” quando eram sugeridas as atividades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentar o tecido acrobático nas aulas de Educação Física foi algo surpreendente. Ao longo das aulas, o brilho nos olhos das crianças na realização de uma queda ou figura, a possibilidade de oferecer uma atividade

integradora e ao mesmo tempo valorizar a arte circense, trouxe a certeza de que estamos no caminho certo, que é possível uma aula de Educação Física que rompa a barreira do tradicional.

Ao longo do percurso, foi preciso superar alguns obstáculos, a maior dificuldade encontrada na realização da proposta aconteceu no início do programa, pois a turma era numerosa e no local disponível só foi possível usar apenas um tecido acrobático, o que acarretou, em alguns momentos, uma espera “angustiante” para vivenciar o aparelho.

Outra dificuldade foi a preferência já determinada dentro das aulas de educação física pelas atividades de futsal e tênis de mesa, sendo necessário improvisar para chamar a atenção dos alunos. O fato das aulas ocorrerem no pátio da escola acabou gerando uma interação positiva com outras turmas e outros professores que dividiam o espaço para as aulas de Educação Física. Em alguns momentos, alunos das outras turmas queriam participar da aula, demonstrando o poder atrativo das atividades circenses.

Os alunos participantes nunca tinham tido contato com nenhuma prática circense, alguns já tinham ouvido falar, porém nunca praticado. Foi claramente notória a curiosidade sobre a modalidade até então desconhecida por parte dos alunos.

Houve resistência de alguns alunos durante a execução do programa, muitos por medo, insegurança ou vergonha. A exposição e a delicadeza do corpo sobre o tecido acrobático fizeram com que alguns alunos, principalmente meninos, se auto excluíssem das atividades. Percebido isso, foi necessário ter uma conversa com eles para debatermos sobre a força específica que o corpo exige durante a prática.

Houve também dispersão por parte de alguns participantes que preferiam praticar as atividades de sempre nas aulas de Educação Física, como futsal, vôlei ou tênis de mesa. Foi desafiador sugerir uma prática desconhecida pelos alunos; a necessidade de se adaptar à rotina de aulas práticas já concretas foi caminhando aos poucos, aula por aula, sendo trabalhado o interesse deles pela nova modalidade.

Araújo, Rizzo e Zaim-de-Melo (2019) realizaram uma pesquisa sobre as razões da autoexclusão nas aulas de Educação Física com alunos do 9º ano, encontrando a repetição dos conteúdos como uma das maiores causas da não prática das atividades propostas nas aulas. A inserção de modalidades circenses, conforme desejam os participantes deste estudo, poderia ser o começo para modificar essa situação.

Pode-se concluir que os objetivos da pesquisa foram alcançados, percebeu-se durante as fases da execução do programa, o progresso dos alunos participantes em relação à modalidade circense, desde o acesso a uma prática não habitual nas aulas, à superação de seus medos e inseguranças em relação ao próprio corpo na atividade, conseguindo, dessa forma, respeitar seus limites e, de maneira consciente, vivenciar as atividades propostas.

A aceitação da modalidade, até então desconhecida por parte dos alunos, foi surpreendente, concluindo que é possível sonhar, como Ícaro, e voar nas aulas de Educação Física, incluindo o tecido acrobático como conteúdo dessa disciplina. Para que essa inclusão ocorra é preciso que os professores estudem, busquem formações específicas para que sintam segurança em propor novas atividades.

Para além do olhar do profissional, do pesquisador ou do currículo em educação física, consideramos nesse trabalho o olhar do aluno e seu interesse pela modalidade que foi apresentada de maneira a entendermos a importância da inserção de uma atividade que além de integradora, também trabalha de maneira ampla as potencialidades do corpo do praticante, levando em consideração também os aspectos artísticos presentes dentro de tal modalidade.

REFERÊNCIAS

- AMADO, A. T. A dança e o tecido acrobático: possibilidades de existências e novas visibilidades. *O mosaico: Revista de Pesquisa em Artes*, [s. l.], n. 16, p. 178-292, 2018.
- ARAÚJO, E. A. M.; RIZZO, D. T. S.; ZAIM-DE-MELO, R. Autoexclusão de alunos durante as aulas de Educação Física do 9º ano em duas escolas da rede municipal de ensino do município de Corumbá/MS. *Coleção Pesquisa em Educação Física, Várzea Paulista, SP*, n. 2, p. 7-14, 2019.
- AYALA, D. J. P. O circo vai à escola: possibilidades de utilizar atividades circenses nas aulas de Educação Física. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física) - Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Ponta Porã, Ponta Porã, 2008.
- AYALA, D. J. P.; ZAIM-DE-MELO, R. Repensando a prática pedagógica: as atividades circenses como conteúdo possível de ser trabalhado nas aulas de Educação Física. A visão docente. *EFDeportes.com*: Revista Digital, Buenos Aires, v. 17, n. 172, 2012. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd172/atividades-circenses-nas-aulas-de-educacao-fisica.htm>. Acesso em: 29 jun. 2019.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BARRAGAN, T. O.; DUPRAT, R.; BORTOLETO, M. A. C. Educação Física e atividades circenses: “o estado da arte”. *Revista Movimento*, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 149-168, 2012.
- BATISTA, N. S. *O tecido circense como manifestação da cultura corporal: fundamentos técnicos e metodológicos*. 2003. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Educação Física) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2003.
- BORTOLETO, M. A. C.; MACHADO, G. A. Reflexões sobre o Circo e a Educação Física. *Revista Corpoconsciência*, Santo André, v.2, n. 12, p. 36-69, 2003.
- BROUGÈRE, G. A criança e a cultura lúdica. *Revista da FACED*, Salvador, v. 24, n. 2, 1998.
- BROUGÈRE, G. *Brinquedo e cultura*. São Paulo: Cortez, 2010.
- CAILLOIS, R. *Os jogos e os homens: a máscara e a vertigem*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.
- CALÇA, D. H.; BORTOLETO, M. A. C. O tecido circense: fundamentos para uma pedagogia das atividades circenses aéreas. *Conexões*, Campinas, v. 5, p. 78-97, 2007.
- CHIQUETTO, E.; FERREIRA, L. A. O ensino de atividades circenses para alunos de 5ª Série nas aulas de Educação Física. *Motrivivência*, Florianópolis, n. 31, p. 50-65, 2008.
- CHIZZOTTI, A. *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2018.
- DESIDERIO, A. *Corpos suspensos: o tecido circense como possibilidade para a educação física escolar*. 2003. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.
- DUPRAT, R. M.; PEREZ GALLARDO, J. *Artes circenses no âmbito escolar*. Ijuí: Unijuí, 2010.
- FAVARI, K. B. *O malabarismo para além da prática*. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências do Esporte) - Faculdade de Ciências Aplicadas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019.
- GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999

- GODOY, L. B. *Tensionando o sentido do agir: o clown e seu potencial criativo*. 2019. Dissertação (Mestrado interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas) - Faculdade de Ciências Aplicadas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019.
- HUIZINGA, J. *Homo ludens: o jogo como elemento da cultura*. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- KRUG, H. N.; TELLES, C.; KRUG, R. R. As percepções de futuros professores sobre a Educação Física Escolar que temos e queremos. *Revista Facisa*, [s. l.], v. 6, p. 92-108, 2017.
- MALINOWSKI, B. *Argonautas do pacífico ocidental*. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- MARRONI, P. C.T. *Tecido circense: a influência de um programa de intervenção motora no desenvolvimento motor, percepção de competência e ansiedade de crianças*. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação Associado em Educação, Universidade Estadual de Londrina, Maringá, 2009.
- PEOPLE with disabilities can do acrobatics too. Argentina: Al Jazeera, 2016. 1 vídeo (2 min). Publicado pelo canal AJ+. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9EHTt43AN7I>. Acesso em: 20 jan. 2020.
- SILVA, M. R. *O tecido circense como prática corporal na escola: experiências e perspectivas*. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.
- SOARES, D. B.; BORTOLETO, M. A. C. A prática do tecido circense nas academias de ginástica da cidade de Campinas-SP: o aluno, o professor e o proprietário reflexões sobre o circo e a Educação Física. *Revista Corpoconsciência*, [s. l.], n. 15, p. 7-23, 2011.
- SUGAWARA, C. *Figuras e quedas para corda lisa e tecido: fundamentos*. São Paulo: Ed. Artesanal: Funarte, 2008.
- TAIT, P. Circus bodies: cultural identity in aerial performance. *Australasian Drama Studies*, Santa Lucia, n. 48, p. 29-38 2006.

ROGÉRIO ZAIM-DE-MELO: é doutor em Ciências Humanas, Educação pela PUC-Rio, é docente do curso de Educação Física da Universidade Federal do Mato Grosso Sul (UFMS) - Câmpus do Pantanal, desde agosto de 2010.

DEYVID TENNER DE SOUZA RIZZO: é doutor em Ciências do Desporto pela Universidade de Trás os Montes e Alto Douro, Portugal. Mestre em Educação pela Universidade Federal da Grande Dourados e Graduação em Educação Física pela Faculdade de Administração de Fátima do Sul.

LUIS BRUNO DE GODOY: é doutor em Educação Física e Sociedade pela Faculdade de Educação Física da Unicamp. Mestre em Ciências Humanas e Sociais pelo programa Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e Bacharel em Ciências do Esporte pela Unicamp.

LAURIANNE SORRRILHA DO AMARAL: é graduada em Educação Física pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, UFMS, Brasil.